

DOSSIÊ TEMÁTICO

Sujeitos em performance: diversidade, diferença e formas expressivas

Rafael da Silva Noletto¹
Hugo Menezes Neto²

O campo da performance é, em sua constituição, interdisciplinar, pois sabe-se que as formas expressivas, longe de pertencerem apenas ao escopo de investigação das Artes, são também objeto de interesse epistemológico das Ciências Sociais e Humanas. Isso significa dizer que a ideia de performance é aqui tratada em sentido lato, traduzida nos múltiplos significados e alcances das práticas performáticas trazidas por cada um/a dos/as autores/as deste dossiê. Este conjunto de artigos, portanto, visa contribuir com o estreitamento da zona de intersecção entre os estudos de performance e os estudos de gênero e sexualidade. Entendemos (a partir do diálogo com autoras/es como Judith Butler, Paul Preciado, Raewyn Connell, Marcia Ochoa, bell hooks, Angela Davis e Patricia Hill Collins) que os atos performáticos, estejam eles situados naquilo que consideramos como “acontecimentos cotidianos” ou “realizações artísticas”, são também expressivos das noções de gênero, raça e sexualidade que formam nosso entendimento do mundo e das relações sociais. Performances são também reveladoras de nossos processos de subjetivação, formulando e sistematizando, de modo nem sempre inteligível, nossas maneiras de ser e estar no mundo a partir dos marcadores sociais da diferença que nos atravessam.

Este dossiê visa reunir trabalhos que representem a diversidade em múltiplas perspectivas. Sendo assim, procuramos juntar pesquisadores/as de diferentes universidades brasileiras, com diferentes níveis de formação (desde graduadas/os até doutoras/es) e, especialmente, com diversas abordagens de pesquisa advindas de seus respectivos campos de estudos. De todo modo, na condição de organizadores,

¹ Professor Adjunto da Universidade Federal de Pelotas, atuando no curso de Ciências Musicais e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Antropólogo, cantor e compositor. Coordena o Grupo de Pesquisa em Ciências Musicais (CIMUS/UFPEL) onde desenvolve o projeto de pesquisa “Música, Diversidade e Produção do Conhecimento”.

² Professor do Departamento de Antropologia e Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Coordena o Observatório de Museus e Patrimônios (OBSERVAMUS), no qual desenvolve o projeto “Transgenerabilidade nas quadrilhas juninas de Pernambuco” e coordena o Inventário Nacional dos Saberes e Práticas das Parteadas Tradicionais.



recebemos propostas em que predominaram os campos da Antropologia e da Música. Consideramos que esta inclinação se deveu, em grande parte, às nossas próprias trajetórias acadêmicas, aos nossos campos de atuação profissional e aos próprios interesses de pesquisa que, atualmente, norteiam nossas ações. Nesse sentido, percebemos que nossas trajetórias e atuações como antropólogos que pesquisam e lecionam na interface com os campos da Música (Rafael Noletto) e Museologia (Hugo Menezes Neto) surtiram efeitos nos perfis de trabalhos recebidos.

A composição deste dossiê se inicia com o artigo de Laila Rosa (etnomusicóloga, violinista, compositora, cantora e professora da UFBA que atua no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Música e no Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM), trazendo uma reflexão muito oportuna sobre feminismo, música e diversidade sexual em interface com dimensões do sagrado numa perspectiva latino-americana, destacando experiências de imersão etnomusicológica no Brasil e México. A autora aborda aspectos das cosmologias sagradas do Candomblé e Jurema (Brasil) em diálogo com cosmologias mexicanas que despatriarcalizam a heterocisnorma pelas vias do protagonismo *muxe*.

Por sua vez, Isabel Nogueira, Luciano Zanatta e Carlos Ferreira conjugam diferentes pontos de vista para problematizar questões relacionadas à interface entre improvisação musical e pesquisa artística. Isabel Nogueira é musicóloga, pianista, cantora, compositora e professora da UFRGS, cuja atuação artística e acadêmica tem sido marcada pelas discussões sobre música, relações de gênero e sexualidade. Neste artigo, uniu-se a Luciano Zanatta (instrumentista, compositor e professor da UFRGS) e Carlos Ferreira (guitarrista, integrante do grupo Quarto Sensorial, licenciado em Música) para abordar os diferentes usos e sentidos da improvisação musical como parte de um processo de pesquisa artística no âmbito do Coletivo Medula de Experimentos Sonoros (sediado na UFRGS).

Ainda no campo musical, Rafael Noletto (antropólogo, cantor, compositor e professor do curso de Ciências Musicais da UFPEL) discute sobre composição musical e homossexualidade, problematizando questões que dizem respeito às relações de gênero e às identidades sexuais no âmbito acadêmico da Música. O texto discute ainda aspectos relativos à carreira docente e à necessidade de reformulação dos currículos dos cursos de Música para contemplar questões pertinentes às relações de poder na constituição deste campo profissional.



O quarto artigo, escrito por Anna Odara de Araújo Tavares e Hugo Menezes Neto apresenta as primeiras impressões produzidas a partir da pesquisa sobre a Marcha das Vadias de Recife-PE. Os autores apresentam episódios e pontos importantes destacados pela observação da Marcha e pelo encontro com organizadoras e manifestantes nas edições ocorridas nos anos de 2017 e 2018. O enfoque aponta para duas dimensões: a relação do evento com o espaço urbano, e a relação das manifestantes com a vestimenta e a nudez que são por si o emblema e o conceito das performances realizadas nesse protesto. Vale lembrar que Hugo Menezes também contribui neste número com uma resenha sobre o documentário “São João Também é Trans”, do antropólogo Thiago de Castro, dedicado à experiência de mulheres trans participantes de quadrilhas juninas na cidade de Sobral-CE.

No texto “Território Conquistado”, escrito por Maria Luiza Brandão (graduada em Humanidades pela UNILAB) e Juliana Bueno (socióloga e professora Adjunta da UNILAB), que traz uma importante contribuição ao falar sobre música de protesto, numa perspectiva feminista e antirracista, através da abordagem da obra da cantora Larissa Luz no contexto musical baiano. Há ainda o artigo de Bê Smidt (cantora, compositora e produtora graduada em Música Popular pela UFRGS) que aborda uma temática de extrema relevância para o campo musical em interface com os estudos de gênero e sexualidade: a constituição vocal de pessoas trans e não-binárias como parte de seus processos de subjetivação como artistas e sujeitos que desafiam a heterocisnormatividade. A autora (autodenominada como mulher não-binária) conjuga a investigação sobre seu próprio processo artístico de tornar-se cantora/compositora ao seu reconhecimento como pessoa não-binária à procura de possibilidades de registros vocais mais condizentes com sua identidade de gênero mais inclinada à dimensão performática do “feminino”.

Esperamos que este dossiê possa contribuir com os debates sobre performance e processos de subjetivação, dando especial atenção a como os marcadores de gênero, raça e sexualidade operam, interseccionalmente, na produção de sujeitos performáticos. Seja em atividades cotidianas, rituais, artísticas, de protestos ou, por exemplo, em movimentos sociais, a performance é uma via de acesso reflexivo da qual os sujeitos lançam mão para entenderem-se e fazerem-se entender, transformando a si próprios e, ao mesmo tempo, constituindo-se como agentes transformadores do mundo através do uso de formas expressivas que constituem a matéria-prima das performances.